“A literatura assumiu esse trabalho de colocar no seu discurso, nas suas obras, o africano, a voz do africano”

ROBERTA GUIMARÃES FRANCO

por Nízea Coelho

Roberta Guimarães Franco Faria de Assis é professora substituta do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduou-se em Licenciatura em Letras (Português/Literaturas) pela Universidade Federal Fluminense (UFF) no ano de 2006.

No quarto período da graduação teve o primeiro contato com a literatura africana. Apaixonou-se. Não hesitou em escolher "Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa" como tema do mestrado, cursado na mesma faculdade. Atualmente cursa doutorado em Literatura Comparada na UFF.

Entre palestras, mini-cursos, artigos e capítulos de livros, ela encontrou um tempinho para falar à Contemporâneos – Revista de Artes e Humanidades. Diante de um pequeno gravador portátil, em sua sala na UFV, ela abordou interdisciplinaridade, nova lei de obrigatoriedade do ensino africano nas escolas brasileiras e, é claro, seus trabalhos desenvolvidos na área.

Contemporâneos - *Por que a escolha pela história e literatura africana?*

Roberta Franco - Eu sempre tive preferência por uma literatura que dialogasse, de certa forma, com o discurso histórico e com as questões sociais. Dessa forma, sempre preferi nossa literatura de 30, o romance de 30 do nosso modernismo, passado no nordeste. Depois tive contato com o neo-realismo português que também apresentava questões sociais. E quando eu estava no quarto período da graduação tive contato com as culturas africanas através de uma disciplina optativa. Na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde eu fiz a graduação, existe um núcleo chamado NEPA – Núcleo de estudos de Portugal e África - e existem hoje duas disciplinas obrigatórias de literatura africana. No quarto período tive contato com a disciplina de poesia de Angola e de Moçambique. No período seguinte, fiz uma disciplina obrigatória. E aí me apaixonei e não larguei mais as literaturas africanas. E essa produção, principalmente a partir da segunda metade do século XX, muito próxima aos conflitos que as colônias portuguesas tiveram (período de independência, de guerras civis) me chamava muita atenção - pela história de colônias que só conseguem sua independência em 1975, ou seja, uma história muito diferente da nossa, que também fomos colônia de Portugal. Uma literatura que conseguia aliar um projeto estético e um projeto ideológico foi o que me levou a dedicar minhas pesquisas à literatura africana e consequentemente à história, porque essa história perpassa a maior parte das literaturas africanas.

Contemporâneos - *A história segue um método científico em suas abordagens, enquanto a literatura, por não possuir tal obrigação, interpreta os fatos de modo subjetivo e livre. Você acredita que em algumas passagens históricas, como em momentos de conflito e censura, a análise de obras literárias relata com maior liberdade os fatos quando comparado aos livros de história?*

Roberta Franco - Eu sou uma defensora do diálogo entre as áreas. Obviamente a história tem um método científico, tem uma pretensa objetividade, mas a literatura também tem seu método científico. Um grande problema da nossa área é que, apesar de pertencermos às Ciências Humanas, a literatura muitas vezes não é tratada com ciência, e sim como arte. Mas a criação literária também tem os seus métodos. E a análise literária, a parte crítica, a parte das pesquisas, dos estudos, também tem os seus métodos científicos. Dessa forma, não somos tão subjetivos assim, pois também temos os nossos métodos.

Mas com relação a esses períodos de conflitos e produção literária, a literatura também passou pelos mesmos processos de censura que o discurso histórico. A diferença é que o tipo de discurso literário muitas vezes permite que denúncias sejam feitas de maneira mais subjetiva, não tão clara e evidente. E isso muitas vezes passa despercebido. Naquele momento isso pode não servir, por não possuir uma divulgação ampla. Pode não ser interpretado daquela forma. Mas, posteriormente, o registro que permanece é

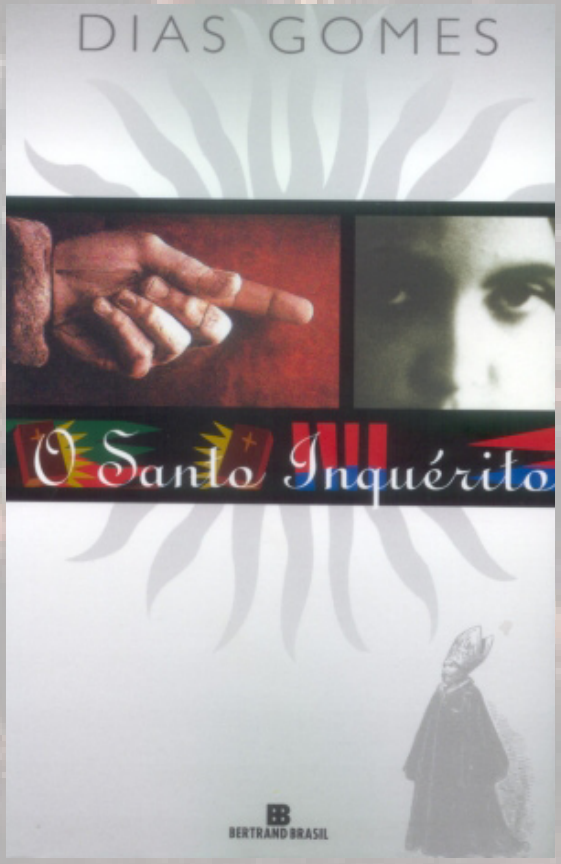

Foto: Capa do livro O Santo Inquérito.
Disponível em: http://www.livrariacultura.com.br
Acessado: maio de 2010.

extremamente importante para a própria construção do discurso histórico. Então essa literatura pode servir, e isso é uma questão que se discute muito entre o diálogo, entre a história e a literatura: que a literatura também pode servir como fonte, como documento histórico. Nesses momentos de conflito e censura isso é muito importante, principalmente para o que se vai construir posteriormente sobre esses períodos. Um exemplo é O Santo Inquérito, de Dias Gomes. Ele é construído durante o período de ditadura. Fala de uma mulher, Branca Dias, que é presa pela inquisição. Mas o discurso a todo o momento está falando da opressão da Ditadura. Essa possibilidade que o discurso literário possui de dizer uma coisa quando se quer dizer outra é que o diferencia do discurso histórico, que precisa de uma objetividade, de fatos, de documentos.

Contemporâneos - *Em seu trabalho* **História e Literatura, Real e Ficcional em A Gloriosa Família - O Tempo dos Flamengos** *você relata que Pepetela "conta a história (ou outra história) através do ponto de vista dos vencidos". Por que você considera "outra história"? Qual a importância das obras que são narradas a partir de um indivíduo pertencente aos grupos excluídos da população?*

Roberta Franco - É outra história justamente porque fala desses grupos excluídos. Muito das literaturas africanas, não só de língua portuguesa, como também de língua inglesa e francesa, e do que se vem construindo também da historiografia africana tenta mostrar essa outra história construída fora do eixo eurocêntrico. A história oficial que se tem sobre África é toda construída durante um período de opressão, quando esses países ainda eram colônias. Então o que a gente tem sobre a história de Angola e Moçambique é uma história portuguesa sobre Angola, sobre Moçambique. A literatura assumiu um papel de uma maneira muito interessante, trazendo no seu discurso essa outra versão que a historia ainda tem dificuldade de fazer, porque os documentos que a história precisa são documentos construídos pelos opressores. Então a literatura assumiu esse trabalho de colocar no seu discurso, nas suas obras, o africano, a voz do africano. E essa obra do Pepetela é interessante porque a gente tem o período de invasão holandesa e o autor coloca a narrativa na voz de um escravo que é mudo. Se nós fôssemos imaginar essa narrativa como um quadro, ele (o escravo) seria aquela figura que ficaria no cantinho esquerdo, bem abaixo, quase imperceptível, e o quadro teria seus personagens principais portugueses e os holandeses. Mas essa figura que está escondida no canto esquerdo do quadro é que vai contar essa história. Então a importância dessas obras que trazem esses indivíduos excluídos, essas camadas minoritárias da sociedade, é trazer à tona uma história diferente da história oficial.

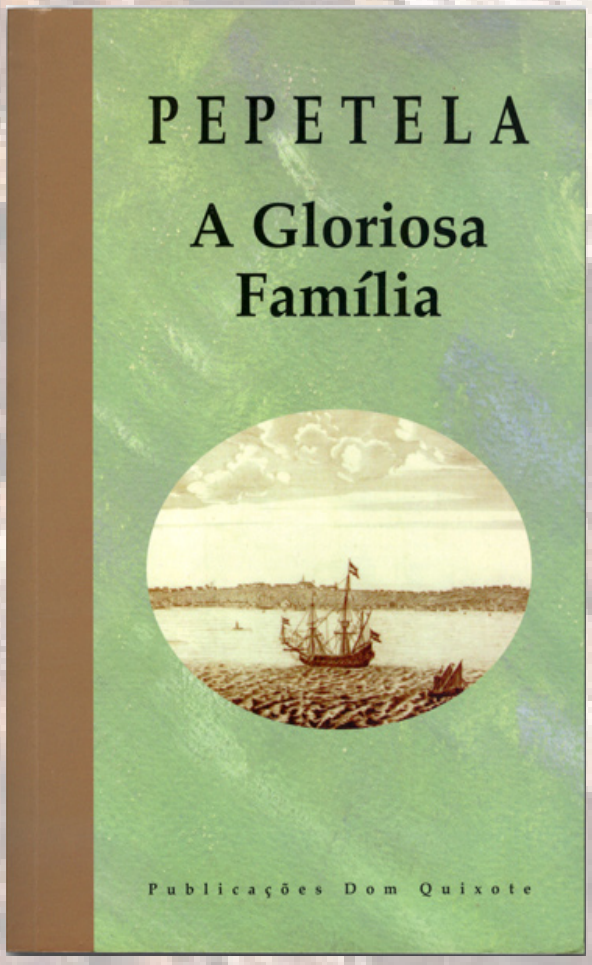

Foto: Capa do livro A Gloriosa Família
Disponível em: http://www.livro-antigo.com
Acessado em: maio de 2010

Contemporâneos - *Ao longo de três séculos de escravidão, o Brasil importou quatro milhões de negros africanos, sendo considerado o país que mais importou escravos nos tempos modernos. O estudo das obras literárias africanas colabora com o entendimento da história brasileira durante a época da escravidão?*

Roberta Franco - Durante muito tempo o que se teve no Brasil de estudos sobre a África, principalmente em relação à academia, à universidade, eram estudos importantíssimos sobre a escravidão no Brasil. Eram estudos que analisavam os diferentes povos que vinham para o Brasil como escravos, o que é extremamente importante para mostrar que eram várias etnias, que eram várias línguas. Assim, não era retratado "o africano", eram vários africanos de lugares diferentes. Hoje, o que a gente encontra é uma mudança. Esses estudos ainda continuam, são importantíssimos, mas hoje há uma mudança, pois passou-se a pensar no estudo da África, na história do continente africano. E as literaturas africanas, uma obra ou outra, ajudam a entender a escravidão não em relação ao Brasil, mas da opressão que esses povos sofriam por Portugal. O Brasil é o receptáculo desses escravos, mas quem faz a retirada é Portugal.

Portanto, essa literatura não tem uma relação com a preocupação com o Brasil. A figura de Portugal aparece muito mais forte, porque é um opressor direto, então essas literaturas tentam mostrar a África, o africano, o seu lugar de origem. Um livro como o de Pepetela, que vai até o século XVII, vai mostrar, óbvio, a dominação portuguesa, a invasão holandesa, mas ele também vai mostrar, por exemplo, a Rainha Nzinga que é uma figura importantíssima para a história de Angola. Então a preocupação maior é com a África.

Foto: Negros no fundo do porão de navio (1835).
Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142002000300015&script=sci_arttext.
Acessado em: maio de 2010.

Contemporâneos - *O uso da interdisciplinaridade nos ensinos fundamental e médio poderia fazer com que os alunos assumissem uma posição mais crítica em relação aos relatos históricos, principalmente no Brasil? E sobre a história da África? Você considera que nossos professores estão bem instrumentados para conseguir seguir a lei de obrigatoriedade de ensino da África (lei nº 11.465, de 10 de março de 2008)?*

Roberta Franco - Como já mencionei, eu sou uma defensora da interdisciplinaridade. Acho extremamente importante em todos os níveis, desde o ensino fundamental até os cursos universitários. Como sempre trabalhei com o diálogo entre literatura e história, muitas vezes vi preconceitos surgirem das duas áreas, tanto de professores da literatura, que não acham válido o diálogo com a história, tanto de professores da história, que acham um absurdo a utilização da literatura como fonte. E sempre defendi por isso. Acho que o uso da interdisciplinaridade, principalmente nos ensinos de base, promove uma facilidade de compreensão e de construção do discurso. O aluno que tem a possibilidade de entender uma determinada situação histórica através de um conto é muito mais interessante do que ele ficar na tentativa de decorar datas, de entender conflitos, sem o prazer da leitura.

Muitas vezes o discurso histórico é um discurso muito duro, principalmente no livro didático. A história já passa por mudanças com relação a isso, mas apenas em nível acadêmico. Em nível de base o discurso histórico ainda é muito rejeitado pelos alunos. A importância da interdisciplinaridade é fazer com que o aluno tenha um interesse maior, que ele entenda que há uma relação entre essas disciplinas.

Com relação à obrigatoriedade do ensino da África, é muito complicado. Esses professores que estão hoje nas escolas públicas e nas escolas particulares não tiveram essa formação. Hoje, em 2010, são pouquíssimas as universidades que têm disciplinas de história da África e literaturas africanas. Esses professores, portanto, não têm preparo para ensinar tais disciplinas. Eles não conhecem os textos e muitas vezes não conhecem a própria história do continente africano. A própria palavra obrigatoriedade (na lei) traz um peso muito grande. Essa obrigatoriedade deveria começar de cima. É necessário primeiro investir na formação dos profissionais que depois vão ensinar isso em sala de aula.

No caso da África ainda há um complicador social muito forte. Meu pai é professor de história em escola pública e ele, por exemplo, enfrenta um problema social muito grande, o problema religioso. Muitas vezes há rejeição da história da África, da cultura africana, por um grupo religioso porque este vê no continente africano a coisa do ocultismo, da magia negra. Há uma dificuldade dos professores em trabalhar com isso em sala de aula. Muitas vezes os alunos se retiram de sala de aula quando o professor vai passar um filme de cultura africana, por exemplo. Então, além da barreira da formação, a barreira do preconceito precisa ser vencida.

Disponível em: http://afrologia.blogspot.com. **Acessado em:** maio de 2010